

RESPOSTA À DIANE LECLERC E DICK EUGENIO

Ramon A. Sierra, Superintendente Distrital, Educador, Porto Rico, Região Mesoamérica

Em primeiro lugar, eu gostaria de parabenizar a Dra. Leclerc e o Dr. Eugenio por suas excelentes reflexões e contribuições valiosas a esta nossa quarta Conferência Nazarena Global de Teologia. O tema de nossa conversa, Cristologia – Conhecer a Cristo, e nesta sessão específica, ‘Quem vocês dizem que sou?’ é desafiador, mas é uma tarefa crucial ao nos movermos adiante como o corpo global de Cristo.

A maioria de nossos teólogos nazarenos contemporâneos reconhecem a centralidade da Cristologia no empreendimento teológico. O Dr. H. Ray Dunning afirma que: “Uma teologia wesleyana será singularmente cristológica em ênfase: justificação, santificação e graça proveniente em todas as suas muitas ramificações e devem ser interpretadas desse ponto de vista.” (Grace, Faith & Holiness, 50). Mais recentemente, o Dr. Tom A. Noble em seu livro *Holy Trinity: Holy People*, propõe como seu quarto axioma de metodologia teológica, uma teologia cristã de molde trinitário e cristocêntrico (pp. 18-20). Ele destaca que

Já que a autorevelação de Deus acontece em sua Palavra – a qual entendemos ser não somente a palavra escrita nas Escrituras, porém, mais fundamentalmente, a Palavra que se fez carne, o nosso Senhor Jesus Cristo—então, a teologia cristã está centrada nele e edificada nele. Em suma, este axioma é que a teologia cristã é cristocêntrica... consequentemente, a nossa doutrina de santidade cristã deve começar ali e encontrar seus fundamentos nele” (pp. 18, 20).

A resposta da Dra. Leclerc à pergunta de Jesus ‘Quem vocês dizem que eu sou?’, focando na humildade de Jesus, é uma forma interessante e diferente de fazer cristologia. A autora, então, fornece um modelo de renovação da vida e da missão da Igreja do Nazareno. Isto é útil, já que a cristologia tem sido tradicionalmente ligada a vida e ao trabalho de Cristo com pouca ligação com a Igreja.

Foi promissor o início da exposição de Leclerc afirmando que a adoração é corretamente entendida hoje quando colocada “no centro da nossa identidade”, ao mesmo tempo, ela nos adverte que precisamos ter certeza de que estamos envolvidos em “verdadeira adoração” que “é adoração do verdadeiro Deus...cujas características essenciais são amor, é também essencialmente humilde, como revelada na humanidade de Jesus, o Cristo”.

Esta ênfase na humanidade de Cristo expressa na humildade como intrínseca a natureza de Deus e vivida em total submissão a Deus e em identificação radical com a nossa humanidade é única. A força do motivo da humildade que define Cristo é como ela combina a humanidade e a divindade de Jesus; paradoxalmente, mostrando um Deus mais humano, Deus se faz ainda mais divino aos nossos olhos. Então, esta humildade que Jesus viveu, não foi simplesmente uma resposta humana, mas um transbordar divino de um amor auto-doador. Esta ênfase ressoa com o hino cristológico de Paulo em Filipenses 2:6-11, a humilhação e a exaltação de Cristo.

A autora faz uma exposição teológica excelente que nos leva a seis características da vida de Jesus, todas revelando a humildade de Deus. Elas são a encarnação, seu batismo, tentações, recapitulação, a cruz e a ressurreição. Eu fui encorajado por essa consistência e pelos grandes *insights* que a autora compartilha nessas partes.

Mas o que é raramente mencionado na cristologia e em relação à humildade de Cristo que foi colocado diante de nós na apresentação de Leclerc é a noção de recapitulação, tirada de Irineu no segundo século (Ver também Leclerc, *Discovering Christian Holiness*, 144). A autora afirma:

“Pecado é uma aberração da verdadeira humanidade. Portanto, quando Adão pecou, ele tornou-se “menos que” humano, menos do que a humanidade fosse designada originalmente. Por outro lado, Jesus é o modelo da verdadeira humanidade, como o novo Adão... Deus ‘tornou-se o que somos, para que Ele pudesse nos levar ao que Ele mesmo é.’...é claro que Irineu está nos chamando para abraçar a plena humanidade em Cristo, mesmo quando participamos do divino”.

Embora todos os *insights* de Leclerc sejam estimulantes e provocativos, a parte sobre eclesiologia cristológica, na minha perspectiva, é a contribuição mais significativa nesta exposição, já que ela nos desafia a identificar a humildade de Deus na vida e na missão da igreja. Baseada nesses princípios cristológicos, ela nos confronta como Igreja, a vivê-los como uma comunidade humana e humilde. Essas seis declarações deveriam guiar a pauta de nossa missão como igreja e nos desafiar teologicamente e ministerialmente, já que, de acordo com a autora:

É hora de expandir a nossa doutrina de pecado para incluir “transgressões involuntárias”, pecados de omissão e participação num sistema maligno, e confessar especialmente os pecados de cumplicidade, e o nosso racismo, sexismo, diferenças de classe, consumismo e outras formas de opressão—como indivíduos e como denominação.

Então, deduzo que a resposta de Leclerc à pergunta que Jesus propôs aos seus discípulos: Quem vocês dizem que eu sou? Pode ser: O Humilde, O Deus Humano Humilde.

A abordagem do Dr. Eugenio a pergunta de Jesus sobre Quem Vocês Dizem que Eu Sou? É um pouco diferente, mas um tanto relacionada com a apresentação de Leclerc. Eu compartilho com o Dr. Eugênio as três suposições sobre a identidade de Jesus. Tendo dito isso, Sua identidade “tem que ser localizada na matriz de relacionamentos”, que a “identidade de Jesus deve ser concebida de forma trinitária”, e que “a identidade pessoal de Jesus deve satisfazer todas as exigências da vida humana”. Isso vai contra a nossa descrição individualista comum do Cristo isolado da comunidade, da própria trindade e da nossa realidade humana. Então, sua resposta para a pergunta de Jesus relacionada a sua identidade é que Ele “é o Filho obediente do Pai e o Humano dependente do Espírito Santo”.

Partindo dessa premissa, o Dr. Eugenio nos mostra como esses dois pontos, do filho obediente do Pai e o humano dependente do Espírito Santo, são cruciais para a identidade de Jesus. Através dessa identidade trinitária de Cristo, Sua divindade e humanidade, transcendência e imanência, são unidas, como também a “nossa própria identidade e chamado cristão”.

O autor nos leva cuidadosamente à experiência *kenótica* de Cristo como o centro, dos dois relacionamentos, aquele do Filho obediente e da dependência do Espírito Santo.

A obediência *kenótica* de Jesus é um esvaziamento auto-imposto. Sua obediência filial ao Pai acompanha a Sua intenção positiva de glorificar o Pai...A fraqueza humana de Jesus é correspondida pela força do Espírito Santo. A obediência total e humilde ao Pai é através da sua absoluta dependência no Espírito Santo. Esta é a identidade trinitariana e missão-vida. Sua obediência ao Pai é impossível sem sua dependência no Espírito Santo e seu relacionamento de dependência com o Espírito Santo não faz sentido quando separado de sua obediência ao Pai.

Eu apreciei a citação que o Dr. Eugenio fez de Bruce McCormack,

...a *kenosis* seja entendida como adição, em vez de subtração, é importante. Jesus não experimentou uma redução da divindade na encarnação. Em vez de privação de qualidades divinas, o Filho de Deus acrescentou a si mesmo natureza humana finita, juntamente com as fraquezas que ela traz. Ele assumiu nossas limitações. Ele se esvaziou, acrescentando a si mesmo as nossas fragilidades humanas.

O autor segue para destacar esses dois relacionamentos através de dois momentos chave na vida de Jesus, parecido com Leclerc: a encarnação, batismo, tentação, crucificação e ressurreição. Leclerc inclui a teologia da recapitulação, como já vimos, e o Eugenio faz menção do ministério de Cristo.

Em relação a semelhança de Cristo, a Leclerc declara que “Somente em Cristo somos renovados a imagem de Deus, reganhando a nossa humanidade, e colocados no caminho da semelhança de Cristo”. Ainda assim, Eugenio considera necessário que percebamos que “...o nosso entendimento da semelhança de Cristo precisa ser fiel a identidade trinitária de Jesus Cristo”. Então, é indispensável que estejamos constantemente cientes de que a identidade de Cristo somente deveria ser entendida no Seu relacionamento com o Pai e com o Espírito Santo.

Os dois autores omitem a ascensão e a segunda vinda de Cristo como rei. Eu creio que esses elementos faltosos são características vitais de Sua obediência e humildade. Essas suas dimensões deveriam ser bem significativas em nosso contexto latino-americano e na realidade

global, o motivo da vitória de Cristo. O fato é que o Senhor exaltado que enviou o Espírito Santo para continuar Seu trabalho redentor em e através de nós até retornar em glória” (*Tradução Livre*, Greathouse, *Love Made Perfect*, 55-62).

Eu reconheço que esses artigos não foram feitos para serem exposições exegéticas, mas eu fiquei surpreso que nenhum dos autores conectou diretamente sua resposta a resposta revelada de Pedro à pergunta de Jesus. Quem você diz que eu sou?: Tu és **o Cristo** (Mt 16:13-20= Mc 8:27/30=Lc. 9:18-21). Embora a exposição do Dr. Eugenio tenha alguns vislumbres dessa noção. Ao citar Leopoldo Sanchez, ele declara: Jesus é o Cristo, cuja vida e Ministério estão permeados profundamente pelo Espírito”. Também, “Jesus é o Cristo em sua vida e morte ... a teologia de Paulo centrada na cruz e sua designação favorita de Jesus como O Ungido são inseparáveis (Rom 1:4, 6-8; 3:24; 5:1, 6, 8; 6:23; 9:5; 15:3, 7, 19)”. Estudiosos do Novo Testamento como George Elton Ladd e Donald Guthrie têm dado prreminência em sua reflexão de Cristo para o título e o conceito de Cristo (Messias) como o mais importante dos conceitos e o ponto de partida da cristologia.¹

Além disso, estou convencido de que como nazarenos, uma comunidade global de fé em Cristo, precisamos tratar da questão de cristologia contextual e nenhum dos apresentadores toca nesse tema. Talvez não estivesse no escopo de suas exposições. O Dr. Eugenio faz menção a esse tema de forma negativa, nos motivando a evitar “múltiplas cristologias que parecem semanticamente adequadas—usando jargões populares e aceitáveis na igreja—mas são errôneas em elucidação”. Ao mesmo tempo, ela responde ao extremo do despir Cristo de Sua vestimenta bíblica e teológica para fazê-Lo mais culturalmente relevante. Donald Guthrie ao dizer que nenhuma “objeção poderia ser levantada relacionando a apresentação que o NT faz de Cristo

¹ Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Illinois: Inter-Varsity Press, 1981), 236.

para a cultura contemporânea considerando que o resultado do conceito de Cristo seja reconhecido como o mesmo Cristo do NT” (*New Testament Theology*, 407). A necessidade de fazer teologia contextual como nazarenos, que inclui cristologia, não é um Desafio novo para nós, esta questão foi trazida à mesa em nossa primeira Conferência Global de Teologia em Joanesburgo, 2000. Mas pouco trabalho tem sido investido nessa questão.

A pergunta mais reveladora é a de Cristo sobre a Sua identidade aos fariseus no caminho para a cruz: “Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?” (Mt 22:42). Depois de responderem que o Cristo é filho de Davi, deixou por isso mesmo e ninguém fez mais perguntas.

Que o Senhor nos ajude a viver—sermos transformados—por Cristo e a compartilhar—trazer outros a Cristo, o que reflete a humildade de Deus e Sua comunidade trinitária, e deixar por isso mesmo!